

RN  
nº 36

# CADERNO

Se algum dia eu tivesse de escrever um livro de memórias, ficaria perplexo. Minha memória é ruim; e sempre me dá desgosto olhar minha própria vida. A não ser por um ou outro episódio, acho desagradável lembrá-la para mim mesmo, que dirá para os outros. E' talvez por isso que abri com uma espécie de susto esse caderno amarelado, em cuja capa está escrito: "Notas — Rubem, agosto, 1930." Que diabo de notas tomaria esse rapazola de 17 anos? A verdade é que eu não me lembrava mais do caderno.

Vendo a primeira página, tive um suspiro de alívio: as notas eram, quase sempre de estudo. Aqui está o resumo de uma aula de direito administrativo do professor Figueira de Melo: "a responsabilidade do funcionário". Mais para frente, há definições de sindicato, trustes e carteis. Depois, notas sobre sociedades comerciais — em nome coletivo, em comandita, de capital e indústria, em conta de participação. Bravos ao estudioso rapaz.

Mas no meio de tudo isso há uma nota que não tem relação com a aula do prof. Russel e certamente me impressionou, porque a lancei à parte: "No Império tínhamos tão sólido sistema monetário que a moeda papel várias vezes teve ágio sobre o ouro, por ser mais portátil.

E aparece uma frase de Anatole France: "A nossa democracia, com uma igualdade magestática, proíbe igualmente a ricos e pobres furtar pão ou mendigar na rua". Como está em português, deve ter sido citada por algum autor. Descubro-o na página seguinte: é João Mangabeira. Anotei algumas frases de um discurso seu na Câmara; tenho a idéia de que se tratava da defesa do monte-pio da viúva de um humilde funcionário: "Dura lex, sed lex" é a velha máxima opressora com que os fortes esmagam os fracos e os felizes os desafortunados... Consiste a igualdade sobretudo em considerar desigualmente situações desiguais, de modo a abrandar, tanto quanto possível, pelo Direito, a desarmonia social... O Estado repousa na resignação da pobreza. Ele não pode pesar na mesma balança os gozos do rico e os sofrimentos do pobre."

Em outra página, este pensamento que não sei de quem é nem a propósito de que: "há alguma coisa que deve estar acima do respeito aos mortos; é o respeito à verdade."

E depois, uma piada: "Après la mort de l'un de nous deux, je viendral habiter Paris." E um pouco de latim cristão: "qui sina peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat".

Depois — meu Deus! — uma longa frase de Ingenteros, sobre o idealista e o homem mediorce.

Mas o rapaz está preocupado com a situação do país e toma notas várias: "a próxima safra de café de S. Paulo está avaliada em 11 milhões de sacas." E logo anotava também esse rapazinho que além de casa e comida tinha 50 mil réis por mês: "Nossa circulação no momento é de cerca de 2 milhões e 800 mil contos."

~~Notas de Rubem~~

M - 229 - ~~000000~~

~~000000~~

Radio, junho 64

M-388

FLU, 10/78

~~000000~~

CM. 8.3.53

DN. Ago 67

No fim do caderno: "Livros para ler nas férias: "Ensaio brasileiro", de Azevedo Amaral; "La Cité Antique", de Fustel de Coulanges, e "Introdução à Sociologia", de Pontes de Miranda."

Terei lido? Sim, me lembro de ter lido "La Cité Antique", mas não deve ter sido nesse fim de 1930; veio a revolução, a doença quase fatal, veio o luto; e me lembro do ditameiro que tomei emprestado para comprar, de segunda mão, o revólver com que me mataria caso uma certa coisa acontecesse; também me vejo ao lado de Leonardo Mota assistindo ao incêndio de "O País", ou chegando a Cachoeiro magro, doente, exausto — e o grito e o choro das mulheres quando me viram entrar na sala em que havia um corpo morto. E minha voz seca dizendo depois dos abraços e das lágrimas e das palavras de consólo: "quero tomar um banho".

Não vale a pena abrir cadernos velhos; mesmo contando pouco, eles fazem lembrar muito; e lembrar é triste e ruim.

8/3/53 R. B.

247